

Stella Maris Rezende

A FILHA INJUSTIÇADA

AMOCERA



AMOSTRA

Para Sol Mendonça,
em agradecimento e admiração.

AMOSTRA

“Os artistas e os loucos mergulham nas mesmas águas,
mas os artistas voltam.”

Nise da Silveira

Um esquecimento é que me faz lembrar.

Henriqueta foi cúmplice do crime.

Ela que passava roupa naquele fim de tarde, lençóis, fronhas, toalhas, panos de prato, caminhos de mesa, blusas, calças, camisas, vestidos, saias, rouparia de uma casa onde trabalhava de lavadeira e passadeira.

Houve um instante em que Mariinha a chamou de um jeito estúrdio, vai ver tinha visto mais uma assombração, era costume da Mariinha, mas dessa vez a menina parecia chamá-la de tresmodo muito diferente, mais intenso e mais sufocado, então Henriqueta correu até a cozinha, danou a tremer, abobalhada, amarrada numa laçada de corda, ficou presa, esperou o que sabia que não viria, para só muito tempo depois ir ao quarto da Mariinha.

Mas a menina não estava no quarto. Já havia sido levada pelo trem. Em pouca hora, já estaria no Hospital Colônia de Barbacena, devido ao vazo de testemunhar almas de assombração mexendo no guarda-comida ou na cristaleira.

Uma ou outra assombração cantava baixinho, sentada na beira de uma das camas de um dos nove quartos da casa de pedra do mais importante advogado que se conhecia na redondeza. Henriqueta muito gostaria que a mulher do advogado não concordasse com a

atitude do marido, entendesse que a filha não era caso de internação no Colônia, mas cadê que foi isso o que aconteceu de fato? Dona Carmosina é o nome dela. Dona Carmosina que rezava na capelinha e obedeceu à ordem de um anjo.

O que Henriqueta fez foi imaginar que Mariinha suportaria o flagelo, até que dona Carmosina tomasse expediente de buscar a filha. A mãe semearia coragem num canteirinho do jardim. Esperaria brotar e crescer, para então buscar a filha. No entanto, já havia crescido um anjo no altar da capelinha. O anjo recomendara a internação.

Se Henriqueta tivesse criado coragem, teria conversado seriamente com a mãe e o pai da menina. Teria argumentado: Se vocês acham que ver assombração é caso de loucura, por que não pensam a mesma coisa sobre alguém que obedece a um anjo que apareceu no altar da capelinha? Mas não, Henriqueta não criou coragem de fazer a comparação.

Não é fácil criar coragem. Falo por mim que também padeço dessa história.

Henriqueta voltou para a área de serviço. Ficou olhando aquele mundaréu de roupa em cima da mesa que aos poucos arderia de tanto calor. A valença é que os pés da mesa continuaram firmes e deles a mesa decerto se orgulhava demais. Mas o calor só foi aumentando. Rápido a mesa arderia em angústia e desespero.

A lavadeira e passadeira voltara com a cara trincada de copo de vidro lançado ao ladrilho do chão, sofria pelo destino cravado no coração da Mariinha, sabia que o dono da casa não compreendia a filha, uma menina vestida de imaginação aveludada, esmerada em botõezinhos de pérola, sempre tão elegante com seus sapatos de cetim tão imaginados quanto imaginados deviam ser os seus passeios à tarde na praça da cidade, tanto quanto eram imaginadas as conversas com as meninas vizinhas que podiam passear à vontade,

não eram filhas do homem mais importante da cidade, riam alto, pulavam corda, suas saias levantadas deixavam calcinhas à mostra, coxas grossas ou finas, cabelos presos que se soltavam, braços ágeis e livres, enquanto alguns meninos sabiam que precisavam compreender toda aquela liberdade, embora, infelizmente, muitos meninos não suportavam, não admitiam tamanha liberdade.

Henriqueta, ao pegar o ferro para retomar a lida, viu que o havia deixado majestosamente deitado sobre a mesa de madeira. Ao erguê-lo cheio de brasas vermelhas, constatou a marca ardentemente desenhada na mesa. Pelo amor da hóstia consagrada! Ela gritou. Vai ficar essa marca para sempre! A marca do esquecimento. Que descuido que eu tive!

E desde esse dia, a mesa tem a marca. Um buraco em forma de ferro de passar e engomar roupa. Henriqueta tem apreço por ela. Por causa do esquecimento, a mesa se tornou mais comentada e mais admirada. Já elogiavam a qualidade da madeira de que era carpintejada, mas a marca do esquecimento, um desenho perfeito de um ferro de brasas, faz da mesa uma raridade. Mas você sabe, Henriqueta, seu descuido verdadeiro foi com a Mariinha e essa culpa é a marca desenhada em você.

Em sua casa, bem longe da casa de pedra, de onde andava a pé durante meia hora e depois pegava ônibus para viajar por uma hora, Henriqueta é bordadeira. Sabe vagonite, ponto cheio, ponto-atrás, ponto de cadeia, ponto de Paris, ponto-cruz e ponto de festonê. Diz que se apraz em bordar e planeja viver disso, parar de lavar e passar roupa, coisas que faz muito bem e por isso ganha um bom dinheiro do dono da casa de pedra, mas o seu sonho é ser bordadeira, não a mais importante da cidade, mas a mais contente, por se dar ao luxo de ser contente.

Tem marido não. Marido é atraso de vida, ela costuma dizer, soltando estrondosa gargalhada. Tem uma vizinha que se tornou

amiga. Que se casou aos treze anos, o que era de praxe na família. Cadê que o marido sequer permitia que a vizinha amiga desejasse estudar para se tornar médica? Larga a mão de invencionice de estudo, ele ralhava. Me casei com mulher de família. Anda, vai matar o frango para o almoço. A vizinha amiga morria de dó de matar frango, mas matava, chorava, matava chorando, que ela não ousasse desobedecer ao marido, dizia o resto da família.

Esquece a vizinha casada com um tal de Laurêncio, Henriqueta, voltemos à viagem de trem da Mariinha. Você podia ter evitado a viagem que a Mariinha foi obrigada a fazer. A viagem sem volta. Aquele trem só fazia viagem sem volta e você sabia disso. Por que não armou um plano para que a menina fugisse da casa de pedra?

Ah, Henriqueta, você não usou a imaginação. Não sonhou com um modo de impedir uma sentença injusta. Você sabe que basta ter a pele negra e ser pobre, ou apenas ser mulher, ou uma criatura indesejada, uma criança incompreendida, uma menina rebelde ou desobediente, uma pessoa que escancara os preconceitos de uma família ou de uma parte da sociedade, para ser sentenciada sem julgamento, para ser obrigada a viajar no trem que tem como estação final o Hospital Colônia de Barbacena. Bárbara Cena. Injustiça colonizada.

Preciso dizer a você, Henriqueta, e você precisa me ouvir. Você sabe muito bem que lá no Colônia a realidade é cruel e muito bem consentida. Você também consentiu. Você também se conformou com a degradação humana, com o cemitério acoplado, com a desumanização institucionalizada, com os porões da loucura, com um campo de concentração em Minas Gerais.

Você tem conhecimento de que setenta por cento dos internos não têm diagnóstico de doença mental. Que em sua maioria, são alcoólatras, prostitutas, homossexuais, epiléticos, ou simplesmente jovens mães solteiras, meninas rebeldes, meninas que

não se conformam em apenas obedecer, meninas que se sentem injustiçadas, meninas sonhadoras e imaginativas.

Você sabe que podia ter evitado a injustiça e a desumanidade para Mariinha. Você tem sabença de que lá no Colônia da Bárbara Cena as pessoas comem ratos, bebem água de esgoto e dormem sobre capim. Morrem de frio, fome, doenças que poderiam ser curadas com uma ou outra medicação correta. Morrem de eletrochoques. E os cadáveres são vendidos para faculdades de Medicina.

Você sabe, Henriqueta, maridos autorizam a internação de suas mulheres, quando descobrem, por exemplo, que elas se queixam deles em páginas de diários, ou que elas, diariamente, cantam bem alto alguma música que fale de beijo ou traição.

Marcada para sempre, a mesa onde você passa roupa tem consequimento de falar e ouvir. E não venha você dizer que eu também sofro de imaginação tal qual a Mariinha, você diz isso para se redimir um pouco. Claro que você sabe que a Mariinha não sofre, pelo contrário, voeja de imaginação. A menina e eu podemos dizer, por exemplo, que a mesa de madeira, marcada para sempre com o ferro em brasas, tem consequimento de falar e ouvir. Ela tem história para contar. Basta que alguém veja a marca do ferro na madeira.

Enquanto passava roupa, Henriqueta, você podia muito bem ter conversado com a mesa. Ter perguntado a ela o que era possível fazer para impedir a triste viagem da Mariinha. Você teria obtido sugestões. Passar roupa tem tudo para desamassar uma lembrança, apumar uma lembrança, deixar a lembrança arrumadinha para passear e compreender coisa ou outra. Compreender, por exemplo, que você podia ter evitado que o pai enfiasse a filha à força em um dos vagões do trem.

Você sabia que assim que chegasse ao fatal destino, provavelmente a menina teria a cabeça raspada, para evitar que semeasse inveja do seu lindo cabelo comprido. Que seu vestido de organdi com

lacinhos de cetim seria roubado por uma funcionária, providência muito comum no Colônia, para que todas as internas usassem o mesmo tipo de roupa, o mesmo tecido barato, o mesmo corte mal-ajambrado. Ela deixaria de ser Maria Luzia para ser rebatizada com um apelido ou um número.

Você, Henriqueta, poderia ter impedido essas coisas degradantes. Mas ficou paralisada. Ficou chorando e olhando para a mesa. Não se apoiou nela.

Você, Henriqueta, foi cúmplice do crime.

AMOSTRA

Uma ambrosia é que me mata de fome.

Adelina teimava em dizer que não seria professora, não se renderia ao costume da família de só formar mulher professora, ela dizia que admirava a profissão de acordar consciências, mas que para ser professora teria que ter vocação. Que não era pelo fato de professora não ser valorizada e ganhar pouco, embora essa situação merecesse atenção e providências.

Quero ser cozinheira! Ela dizia, e a família inteira não se conformava, onde já se viu, cozinheira toda mulher já nasce para ser. Vocês não entendem nada do assunto! Ela alterava a voz. Que ignorância é essa de que toda mulher nasce para cozinhar? Fosse assim, todo homem também nasce para cozinhar. E entendam, cozinheira de profissão é o que eu quero ser. Tem muita mulher que não sabe cozinhar, detesta cozinhar, paga para alguém cozinhar, não é obrigada a cozinhar, e, quando cozinha, prepara alguma coisa para ela mesma, na hora que decide mexer com as panelas, e não para seguir uma regra determinada por uma cegueira tradicional.

Nasci para a arte de cozinhar, ela dizia. E prendia o cabelo, amarrava sobre ele um laço colorido, um tecido de algodão florido que não esquentava a cabeça. Dizia também que não se casaria, não se prenderia a homem algum, casamento é prisão, ela sentenciava,

e namorava, namorava e muito, mas avisava a eles: Casar é outro departamento, não se iludam. No entanto, quem se iludiu foi ela.

Adelina se casou. Passou muitos anos dizendo que não se casaria, não queria esse embondo de casamento, mas se casou.

Adelina é cozinheira. Faz couve picada bem fininha e refogada na banha de porco. Macarronada com bastante tomate e queijo ralado. Arroz com açafrão. Feijão com linguiça. Angu com quiabo. Sobremesa? Tem que ser goiabada feita em casa. Adelina quer fazer mais coisas; no entanto, o marido não aceita invenção de moda. Hoje me deu alvedrio de fazer batatas ao forno e, de sobremesa, ambrosia, ela diz. O marido fica em estado de nervo, franze a testa e diz: Quero o de sempre, Adelina. Meu estômago não aprecia novidades.

Já o meu estômago aprecia, ela quase voa em dizer, mas não se atreve. Já é muito atrevimento dizer a palavra alvedrio, que o marido logicamente não conhece. Esse é o único modo de ela se fazer superior a ele. A qualquer momento, vem um interlúdio, uma atrambia, um desdouro, um otimates, uma pugnacidade. O marido finge não se importar, mas bem que ela nota um desconforto com a palavra desconhecida. Palavra que ela brande na cara dele. É um desaforo a que ele se submete, sem nunca perguntar o significado, sem recorrer ao dicionário, porque o desconforto é passageiro. Vai ver ele pensa: Coitada, não me custa deixar que se divirta um pouco, faz mal não.

Tem vez que você, Adelina, se ambrosia toda, sem que Jerônimo saiba. Aproveita que ele viaja para Martinho Campos e faz também batatas ao forno. Vez ou outra, filé de atum ao forno com aspargos. Strogonoff de cogumelo. Costelinha suína com molho de caqui. Tartar colorido de salmão e chuchu batidinho. A cada viagem do Jerônimo, seu estômago se regozija.

Mas você, Adelina, ah, Adelina, você não cozinhou o que mais precisava ser cozinhado. Não escolheu os ingredientes. Não

temperou. Não conversou com o seu tio, que admira e escuta você. Estava mais do que claro de que o seu tio não se conformava em ter um filho, teimava que tinha uma filha, uma filha, não aceitava o filho em corpo de menina, jamais aceitou.

O seu tio costuma escutar você, Adelina, e você, tal qual o restante da família, deixou a coisa em banho-maria, postergou, adiou a conversa que não poderia ser adiada.

Tio Afrânio tomou expediente bem rápido. O filho indesejado foi levado à força para o Hospital Colônia. Ara, você poderia ter ido buscar o menino. Você é a madrinha dele. Na falta dos pais, madrinha tem obrigação.

Você não é religiosa, mas concorda com esse ditame de que madrinha substitui os pais, quando necessário. Seu tio é viúvo e muito ensimesmado. Não deu conta de compreender o filho. Precisava ouvir você, Adelina. E ouviria, tenho certeza disso. Você poderia tê-lo convencido de que internar o menino era uma incompreensão e uma enorme crueldade.

Você se dedicou a desafiar o marido com palavras desconhecidas por ele. A ser cozinheira como sempre quis, mas sozinha, à mercê do cardápio repetitivo do marido, longe de todo mundo, para não ouvir a gritaria do Jerônimo, a teimosia do Jerônimo, como se a vida se resumisse a isso. Por que jamais visitou o menino? Nem isso você teve a dignidade de fazer.

Você sabe que ele corre o risco de ser maltratado de todas as maneiras, justamente por se recusar a deixar de ser o que é. Logo você, Adelina, que sabe muito bem o que é ser obrigada a não ser o que é.

Vamos falar sobre os seus pesadelos. Tem vez que você entra como visitante no Colônia e é obrigada a nunca mais sair de lá. Você foi espontaneamente, queria apenas ver o menino, conversar com ele, mas o seu olhar de mulher doida provocou uma internação à força, e

agora não adianta gritar, não adianta explicar que estava ali somente para visitar o afilhado, que não planejava trazê-lo de volta, respeitava a decisão do tio, não, não adianta, suas indecisões são seus martírios.

Você podia ter evitado a viagem sem retorno. Nem era tão complicado, mas agora pense nos pesadelos cada vez mais frequentes, se aprume, tenha consequimento de ao menos sentir vergonha da sua negligência. Então você acorda toda suada. Você se levanta da cama e começa a preparar a comida do Jerônimo que não aprecia novidades.

Se eu contar a você sobre a Henriqueta e a mesa marcada por um ferro em brasas, será que adianta alguma coisa? Será que você toma tenência?

Entro no alpendre da sua casa, sem dificuldade, o portãozinho estava apenas encostado. Observo o murinho de cimento vermelhão e as samambaias penduradas. Penso em me sentar numa das duas cadeiras de palhinha, de frente para a mesa com os vasilhinhos de begônias. Me alegro em constatar que você cuida bem das plantas. Me distraio um pouco, esqueço de me sentar.

De pé, solto os braços, paradinha no alpendre, com os olhos fixos na porta de madeira com treliças. Observo a aldraba em forma de mão. Penso em bater a aldraba, para que você saiba que tem alguém no alpendre. Lembro que você gosta de palavras incomuns e decerto aprecia aldraba. Quero e não quero bater a aldraba. Mas de súbito, minha mão bate a outra mão três vezes.

Sinto cheiro de feijão cozinhando. Com linguiça, de acordo com o gosto do Jerônimo. Mais uma vez você se rende ao menu do marido que não aprecia novidades. Ele vai chegar de viagem daqui a pouco? Espero. Ouço barulho de colher batendo numa borda de panela. E bato mais três vezes a aldraba.

Você não me ouviu, Adelina, mas o tio Afrânio ouviria você. Ele a escolheu para ser a madrinha do único filho dele. Tio Afrânio que

viu a mulher morrer de parto, e desse parto complicado veio um filho para ele criar. Um filho que para ele é filha, e você sabe disso muito bem. Você sabe também que bastava conversar direitinho com ele, com calma, com todas as explicações necessárias, ele ouviria você e não internaria o filho no Colônia. Você procrastinou. Foi covarde. Admita, foi covarde.

Bato mais três vezes a aldraba.

Sei que preciso insistir.

Vou contar a você sobre a Henriqueta e a Mariinha?

Meu coração bate descarrilhado, porque sei que o menino foi batizado com o nome de Sol. Que belo e apropriadíssimo nome, eu penso, com o coração se acalmando aos poucos, embora triste ao imaginar o Sol no Colônia. O Sol maltratado no Colônia. Tio Afrânio o batizou de Sol, surpreendeu e encantou a sobrinha, que adora nomes incomuns. Nossa, tio Afrânio, é uma beleza de nome, você comentou, ao pôr a criança no colo e ouvir que foi escolhida para ser a madrinha. Da família, só você mora perto do tio Afrânio. Cabia a você ser a madrinha, mas não foi apenas por isso.

A verdade, Adelina, a mais pura verdade, é que tio Afrânio gosta de conversar com você, aprecia suas ponderações, admira e respeita suas opiniões. Bastava você ter iniciado alguns argumentos e ele não teria internado o menino à força. O menino que gritava por socorro. E você trancada dentro de casa, dentro da cozinha infeliz. Não aluiu do lugar. Não saiu esbaforida. Não bateu a aldraba da casa do tio Afrânio. Não foi a madrinha que precisava ser. Você, Adelina, foi cúmplice do crime.

Um silêncio é que me faz gritar.

Francisca era cantora de igreja, ofício que o marido apreciava demais. A voz da Francisca era elogiada por todos. Disso o Olívio não gostava, mas disfarçava, convinha se paramentar com a certeza de salvação pelo manto sagrado de Nossa Senhora do Carmo.

Quando Francisca tinha vinte anos, todo mundo dizia que ela já estava passando do ponto. Para calar o povo, aceitou se casar. Os pais ficaram aliviados. A filha dizia que o seu sonho era ser cantora de rádio, uma profissão de mulher à toa, onde já se viu. Ainda bem que um congregado mariano se engraçou com ela. Os pais tinham certeza de que o casamento aquietaria o facho da Francisca, ela pararia com essa enjunça de cantora de rádio; o Olívio não era homem de aceitar mulher indecente. Francisca iria entender o seu papel de mulher de família.

Se converso com a Henriqueta e a Adelina, faço o mesmo com a Francisca.

Ela diz que o seu sonho é ser cantora de rádio. Minha voz é afinadíssima e eu tenho vocação para artista, sabe? É um sonho bastante ousado, mas bonito, eu digo. Por que não viaja para Belo Horizonte e se inscreve no concurso da rádio Alterosa? Eles querem